

Resumo: *No intuito de contribuir na reflexão sobre o tema da Campanha da Fraternidade 2015, o autor se reporta à missão profética exercida em diferentes contextos da história de Israel, conforme testemunha a Bíblia. Assim como os profetas e profetisas vocacionais, a Igreja é chamada a inserir-se no mundo em radical solidariedade às pessoas que sofrem vítimas de sistemas que excluem e matam. Como seguidora de Jesus de Nazaré e acolhendo o apelo do papa Francisco, a Igreja deve colocar-se em atitude de “saída”, renunciando à acomodação institucional e assumindo sua missão de promover a justiça, a solidariedade e a fraternidade no mundo.*

Abstract: *In an attempt to delve into the theme of the Campanha da Fraternidade of 2015, the author brings into relation the prophetic mission exercised by the ministers called to be of service to the Chosen people in different circumstances in the course of the history of Israel, as can be attested in the Bible. Similar to the prophets and prophetesses the Church is called to get involved in the world through its unrelenting solidarity with the people suffering as victims of political systems which ostracize and lead to death. Bu the Church as follower of Jesus of Nazareth and accepting the appeal of Pope Francis will have to relinquish institutional accommodation and instead should engage in its mission to promote justice, solidarity and fraternity all around the world.*

Igreja – Sociedade – Profecia

*Celso Loraschi**

* O autor é Mestre em Teologia com concentração em Estudos Bíblicos, professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC.



Introdução

A principal razão de ser da Igreja é promover a fraternidade no mundo. Como discípula missionária de Jesus assume a proposta do Reino de Deus empenhando-se na defesa da vida e dignidade para todos. Cumpre esta missão posicionando-se solidariamente junto às pessoas que sofrem vítimas dos sistemas de poder que excluem e matam. Seguidora de Jesus, guiada pelo mesmo Espírito, anuncia o Evangelho aos pobres, a libertação aos presos, a recuperação da vista aos cegos, a liberdade aos oprimidos (Lc 4,18). Cada momento histórico é portador de desafios característicos que a Igreja deve encarar com discernimento em fidelidade à proposta de Jesus, fazendo as mesmas rupturas (cf. as tentações de Jesus: Lc 4,1-13) e as mesmas opções que ele fez.

A tradição de fé judaico-cristã, desde a formação do povo de Israel, revela que Deus provoca nos crentes um dinamismo de “saída” tendo em vista uma sociedade justa e fraterna (cf. EG, 19 e 20). Ao pai Abrão ele disse: “Sai de tua terra e vai para a terra que eu te mostrarei” (Gn 12,1); a Moisés: “Vai, eu te envio” (Ex 3,10); a Amós: “Vai e profetiza” (Am 1,7); a Jeremias: “Irás para onde eu te enviar” (Jr 1,7); a Jonas: “Levanta-te e vai a Nínive” (Jn 1,2; 3,1).

Jesus, enviado pelo Pai ao mundo, segue o mesmo dinamismo em sua própria missão, devendo ser continuada pelos seus seguidores: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20,21). Em outro lugar: “Eu vos envio como cordeiros no meio de lobos” (Lc 10,3); e ainda: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas...” (Mt 28,19). Sua missão, retratada na parábola do samaritano solidário, deve ser seguida prioritariamente: “Vai e faze a mesma coisa” (Lc 10,37). O conformismo, a acomodação e a fuga não fazem parte da vida dos que levam a sério o Plano de Deus para o mundo.

Os textos bíblicos, nos diversos contextos em que emergiram, revelam que há dois projetos que se confrontam. Enquanto, na linha oficial, a religião se alia ao sistema político-econômico dominante, na linha popular Deus se revela como defensor (*Go'el*) dos pobres, através dos quais anuncia um mundo novo com base na justiça. Ao referir-se à dimensão religiosa de Israel, o texto-base da Campanha da Fraternidade 2015 afirma que “não se pode imaginar que os conteúdos dizem respeito apenas ao culto, ao sacerdócio, à oração, ao templo ou à sinagoga. A



consciência fundamental de Israel é de uma Aliança gratuita e amorosa da parte de Deus, selada numa perspectiva cósmica e universal”.

Esta Aliança sagrada caracteriza a identidade e a missão de Israel: “Eu, o Senhor, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei; eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações” (Is 42,6). Sempre que aparecem os males sociais são vistos como sinais da quebra da Aliança pela parte do povo. É o que revelam os movimentos proféticos, constituindo-se em indicativos irrenunciáveis para a Igreja em sua relação com a sociedade.

O sentido da profecia¹

Num mundo onde a palavra é banalizada e manipulada para justificar interesses pessoais e grupais, para defender privilégios, para maquiar a verdade dos fatos, para angariar simpatias...; onde o cotidiano é contaminado por mentiras, bajulações, palavrórios levianos e irresponsáveis, retóricas vazias, palavras que enganam, ferem e matam, a profecia torna-se sumamente necessária. Falar de profecia é reconhecer a centralidade do Plano de Deus para a vida do mundo. Por isso mesmo, constitui-se em palavra “viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas. Ela julga as disposições e as intenções do coração” (Hb 4,12).

É preciso resgatar o sentido da palavra como instrumento de comunicação verdadeira, como formadora de consciência crítica, como veículo de relacionamentos novos. A profecia realiza exatamente esta função. Ela nasce da observação atenta da realidade à luz da Palavra revelada, emerge do silêncio e da reflexão, e é proclamada como anúncio da vontade de Deus e como denúncia das infidelidades ao seu plano de justiça e de salvação universal.

A tradição bíblica guardou o sentido eficaz da Palavra de Deus. Pronunciada à maneira humana, é o meio por excelência de revelação e interação divinas com o próprio ser humano dotado de liberdade, capaz de fazer história.

Deus atua na história, não a sós como na criação, mas engrenando a liberdade humana; e o meio de que se utiliza para atuar sobre a liber-

¹ Cf. LORASCHI, Celso. A profecia na Bíblia. In: *Quando a Palavra encanta*. Passo Fundo: ITEPA, 2008, p. 148-202.



dade humana, respeitando-a, é a palavra. Deus se dirige a nós pela palavra e é assim que ele nos busca. Poderia ter escolhido algum meio mais eficaz: invasão avassaladora no íntimo do ser humano, absorção ou raptó de todo o ser humano, o que poderia equivaler a tirá-lo da história: Deus arrebatou Elias no fim da sua missão, no início e no meio dela o atira na história.²

A Palavra de Deus revela seu poder a partir da fraqueza das próprias pessoas que a pronunciam, pois frequentemente manifestam personalidades marcadas por contradições. Torna-se frágil e desprotegida porque pronunciada por seres humanos e porque geralmente o terreno que a acolhe não oferece terra boa (cf Mc 4,1-9); porém, será sempre semente fértil. Escreve o papa Francisco:

A Palavra possui, em si mesma, tal potencialidade, que não a podemos prever... A Igreja deve aceitar essa liberdade incontrolável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas (EG 22).

Que o digam os profetas e profetisas!

Diferentes contextos

O profetismo é um fenômeno muito antigo, não apenas dentro da tradição israelita. É constatável também na Mesopotâmia, especialmente na Fenícia e em Canaã. Aparece na história do povo de Israel como uma das características mais importantes. A profecia constituiu-se num dos fatores fundamentais de sobrevivência da nação israelita, sempre ameaçada por impérios estrangeiros, várias vezes invadida, dominada, deportada, suas instituições destruídas... E apesar de tudo, sempre reconstruídas e a comunidade reorganizada.

E qual a razão disto? A única resposta que explica os fatos é que os grandes profetas elaboraram uma interpretação particular do curso da história, e induziram o seu povo a aceitá-la, ao menos em números suficientes para imprimir uma nova direção à sua história para o futuro.³

² SCHÖKEL, L. Afonso e DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas I*, Col. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 14.

³ HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 266s, citando C. H. Dodd.



A palavra profética nos diferentes contextos históricos conservou e promoveu uma tradição religiosa, herdada desde a origem do povo de Israel e passada de geração a geração. Esta tradição se firmou, essencialmente, na fidelidade ao monoteísmo ético em que o Deus de Israel se manifestou aos Pais e Mães do povo, estabelecendo uma Aliança e se revelando de modo especial no acontecimento fundacional do Êxodo; concede a Lei como caminho de justiça, de direito e de garantia de vida sem exclusão. Deus e o povo: a fidelidade mútua é garantia de bem-estar social.

Com relação a esta dimensão histórica da profecia, vale registrar o que afirma Ney Brasil Pereira:

É notável nos profetas o senso da história. Sua contestação do presente não se faz sem referências ao passado das autênticas tradições do seu povo, mas ao mesmo tempo numa procura que anuncia com indomável esperança o futuro a ser incessantemente construído. Notável, também, a dialética que se observa entre profecia e cumprimento: a promessa (ou ameaça) realiza-se parcialmente na história, mas esta por sua vez se torna profecia; cada realização da Palavra anuncia um acontecimento ainda mais decisivo, cada julgamento parcial anunciando um julgamento definitivo, cada libertação histórica sendo prenúncio da libertação enfim total.⁴

Diferentes características

Uma das formas mais antigas de profecia, em Israel, situa-se no final do período do Tribalismo, nos séculos XI e X a.C., conhecida como *profecia extática*. No livro de Samuel encontramos informações de que corporações de profetas se organizavam ao redor dos santuários e, embalados pela música e dança, entravam em transe e profetizavam. Parece constituir-se numa forma de resistência contra as ameaças de invasão e de destruição de Israel (cf. 1Sm 9-10). Lembra a instituição mais antiga dos profetas fenícios e cananeus seguidores do deus Baal, conforme atestam, por exemplo, o texto de 1Rs 18 e documentos extra bíblicos. Na verdade, o fenômeno do extaticismo de grupo é universal na humanidade, onde as pessoas entram em determinado estado psicológico proporcionando visões e experiências místicas marcantes. “Podemos

⁴ PEREIRA, Ney Brasil. *Os profetas, nossos contemporâneos* – Introdução ao profetismo. Florianópolis: ITESC, [s/d.], p. 01.



dizer que uma instituição de tipo cananeu se transformara em instituição carismática do javismo”.⁵

No século IX a.C. aparecem os grupos designados *filhos de profetas*. Os locais de culto serviam de centros para seus encontros e manifestações (cf. 2Rs 2;4,38-41; 6,1-7). Assumiam a função de defesa do javismo contra o baalismo. Assim também os profetas Elias e Eliseu.

Com a Monarquia surgiu o que comumente é designado de *profetismo institucional*: estes profetas “profissionais” colocavam-se a serviço do rei e faziam suas profecias em defesa da causa monárquica (cf. 1Rs 22; 2Rs 23,2; Jr 28). O templo de Jerusalém era, normalmente, o centro de proclamação de seus oráculos. Tendiam a identificar a vontade de Yahweh com a do rei. Por isso entende-se as fortes atitudes de oposição a estes profetas da parte, por exemplo, de Amós (7,14) e de Jeremias (Jr 28) que os denunciam como falsos profetas, enganadores do povo. Zacarias anuncia a sua extirpação (13,1-6). O livro do Deuteronômio explicita as características para o discernimento da verdadeira profecia (13,1-5; 18,21s).

Distintos dos institucionais são os *profetas vocacionais*, chamados por Deus para ser intérpretes e mensageiros da sua vontade. Há mulheres profetisas, como Hulda. Também Miriam e Débora são citadas como profetisas (Ex 15,20; Jz 4,4); também a mulher de Isaías (Is 8,3) e certamente muitas outras ocultadas sob a influência da cultura patriarcal.

*Ao falarmos do profetismo feminino, logo de saída nos defrontamos com esse problema: as mulheres, mesmo quando seu papel e sua presença são importantes, sofrem um processo de ocultamento, de marginalização e esquecimento por parte daqueles que escrevem a história ou pensam que conduzem a história, a sociedade, as Igrejas. É por isso que necessitamos de um olhar atento, vigilante, quando queremos descobrir onde há mulheres atuando, fazendo, criando, lutando e proferindo uma palavra profética na história....*⁶

A experiência religiosa do profeta e da profetisa vocacionais manifesta-se tão profunda e provocadora a ponto de tornar-se obrigatória a proclamação da Palavra inspirada por Deus. Neste sentido, Amós expressa: “O Senhor Yahweh falou: quem não profetizará?” (3,8b). Jeremias relata a experiência arrebatadora de Deus: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me

⁵ Idem, p. 268.

⁶ CAVALCANTI, Tereza. Mulheres e profetismo no Antigo Testamento, in: *Curso de Verão*, ano II. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 50.



deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste” (20,7a). E logo adiante, ao sofrer os conflitos decorrentes de suas denúncias, desabafa: “Quando eu pensava: ‘Não me lembrarei dele, já não falarei em seu Nome’, então isto era em meu coração como um fogo devorador, encerrado em meus ossos. Estou cansado de suportar, não posso mais!” (20,9). A originalidade destas experiências religiosas é descrita, em várias passagens, como visões e audições (cf., por ex., Is 6).

Ainda para efeito de caracterização dos profetas, há autores que distinguem o *profetismo central* do *profetismo periférico*. O primeiro teria as seguintes características:

1) surge por pressões que vêm de fora e que a sociedade percebe como um todo (por exemplo, a ameaça da invasão assíria); 2) o profeta central normalmente legitima ou sanciona a moralidade pública; não se trata de moralidade individual, mas de algo básico para toda a sociedade; 3) a profecia central se limita a poucos indivíduos e não está aberta a grupos muito amplos, ainda que os profetas tenham discípulos; pelos dados que temos, raras vezes havia mais de um profeta no mesmo espaço e tempo; quando isto acontecia, o conflito surgia e um deles ficava como falso (é o que ocorre no caso de Ananias e Jeremias); 4) o Deus do profeta central é previsível e moral: Javé sempre responde ao mal da mesma forma.⁷

Ao *profetismo periférico* pertencem, de modo especial, os grupos identificados com as expressões “filhos dos profetas” (já citados acima) e “homem de Deus”. Caracteriza-se deste modo:

1) surge em tempos de crise, motivado por problemas como fome, seca, pobreza, guerra, tensões políticas e sociais; 2) os indivíduos que aparecem com o título ‘homem de Deus’ estão oprimidos ou se relacionam com membros periféricos da sociedade (Elias e Eliseu); 3) a maneira pela qual eles desempenham seu papel implica uma atividade de grupo (Eliseu se relaciona com os ‘filhos dos profetas’); 4) o Deus da profecia periférica é, nos raros exemplos durante o século IX, um Deus periférico e amoral; seu traço predominante não é a moral, mas o poder.⁸

Estas características têm importância na medida em que ajudam a conhecer melhor o contexto de atuação dos profetas, suas intervenções,

⁷ SICRE, José Luís. Op. cit., p. 191s, com base nos estudos de D.L. Petersen e Lewis.

⁸ Idem, p. 191.



seus posicionamentos naquele determinado momento histórico em que se manifestam. Não podemos, porém, considerá-las como formas puras e definitivas.

Profecia contextualizada

Os diversos gêneros literários (parábolas, alegorias, exortações, interrogações, hinos, orações, acusações, elegias, bênçãos, maldições etc.) revelam a liberdade e a criatividade dos grupos proféticos inseridos no contexto histórico e cultural de diferentes épocas. Como ser-em-situação, o profeta usa da linguagem, a mais adequada para aquele momento, com o objetivo de fazer compreender a mensagem que precisa ser dada, quer agrade quer desagrade. Como expressa Milton Schwantes:

Profetas têm hora e local. Sua atuação é concreta. Está relacionada a certo momento, a certas pessoas, a certas estruturas. Não é, pois, o discurso genérico o que os caracteriza. E nem são defensores de doutrinarismos. São intérpretes da história. São leitores da vida do povo. Através de seus gestos e de suas palavras, a história se torna transparente.⁹

Os profetas pré-literários, citados em textos narrativos contidos nos livros de 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis (Gad, Natã, Aías de Silo, Elias, Eliseu e outros) atuam a serviço, de modo especial, de duas causas que vão marcar o movimento profético em toda a sua extensão:

1. *Defesa dos pobres e da justiça.* Eles representam a consciência e a voz dos marginalizados. Basta lembrar as atitudes do profeta Natã que enfrenta o Rei Davi em favor do soldado Urias (2Sm 12,1-4); enfrenta também o rei Acab em favor do agricultor Nabot (1Rs 21).
2. *Condenação da idolatria.* Posicionando-se contra as pretensões de certos reis, insistem na adoração exclusiva a Iahweh libertador. Por isso, Natã não vê com bons olhos o projeto de construção de um templo. Isto não agrada a Iahweh, o qual prefere morar numa tenda no meio do povo: “Em casa nenhuma habitei desde o dia em que fiz subir do Egito os filhos de Israel até o dia de hoje, mas andei em acampamento errante debaixo de uma tenda e um abrigo...” (2Sm 7). Também Elias

⁹ SCHWANTES, Milton. A Profecia durante a Monarquia, in: *Profeta: saudade e esperança*. 3. ed. Série: A Palavra na Vida, n. 17 e 18. São Leopoldo: CEBI, 1999.



vai radicalizar sua defesa em favor do monoteísmo javista enfrentando os profetas de Baal (1Rs 18,20-40).

Os temas da justiça aos pobres e da condenação da idolatria vão permear a atuação também dos *profetas literários*. São dois momentos distintos, porém. Podemos caracterizar a principal diferença. Refere-se à visão social: os *pré-literários* enfrentam casos de injustiça e de idolatria de forma pontual; o que importa é a extirpação daquele mal específico. Nestes profetas não se percebe uma análise mais ampla a respeito da estrutura político-econômico-religiosa causadora dos males sociais. A Monarquia ainda é vista como um regime aceitável; o importante é que haja reis bons: “Há um mal que precisa ser curado, mas o corpo é considerado sã”.¹⁰ Natã, por exemplo, apesar de posicionar-se contra a construção do templo, anuncia a perpetuidade da dinastia do rei Davi (2Sm 7). Também Elias, apesar de denunciar os erros do rei Acab, não deixa de apoiá-lo no seu governo (2Rs 9-10). Já os *profetas literários*, em sua maioria, analisam os males existentes na sociedade como decorrentes das estruturas iníquas. O templo, o exército, o palácio e todas as instâncias que sustentam a Monarquia são vistas de forma crítica. Estes profetas percebem que “o corpo todo está doente e os diversos problemas estão inter-relacionados”.¹¹

Os pais do movimento profético

A missão profética de Elias e Eliseu revela-se como fundamento de todo o movimento profético ao longo da Bíblia. Também na prática de Jesus vê-se estreita relação com a atuação destes dois profetas. Aponta para valores que caracterizam a espiritualidade da pessoa fiel ao Plano de Deus para a sociedade. Vejamos apenas *quatro aspectos* relacionados entre si.

1. *O clamor das pessoas em situação de necessidade*. A predominância das ações dos profetas Elias e Eliseu é de compromisso com a solução dos problemas que afetam o cotidiano das pessoas necessitadas. A necessidade é o critério chave que faz o profeta aproximar-se e colocar-se a serviço de quem precisa de ajuda. Por isso, não hesita em ultrapassar fronteiras geográficas. Pode ser uma situação de fome, ou de doença,

¹⁰ TONELLO, Nelson. *O Profetismo na Bíblia*: texto para estudo. Mimeo. Passo Fundo: ITEPA, 1991.

¹¹ Idem.



ou uma panela envenenada, ou um machado perdido e até a morte. Não importam as situações: importa é o amor efetivo. É a realização da vontade divina: “Em teu meio não haverá nenhuma pessoa pobre, porque Iahweh vai abençoar-te na terra que te dará para que a possuas como herança, com a condição de que obedças à sua voz, cuidando de pôr em prática todos os seus mandamentos” (Dt 15,4-5).

2. *A Fidelidade à Aliança com Deus*. Usando uma imagem criada por Carlos Mesters: numa mão o profeta segura os termos do acordo entre Deus e o povo e noutra mão segura a realidade das pessoas empobrecidas. Percebe que esta situação revela a quebra da Aliança sagrada. Empenha-se, então, com todas as suas forças, para restabelecer a fidelidade mútua. Para isso combate firmemente a idolatria, pois os deuses protetores da política oficial foram inventados por seres humanos e sua função é alienar a consciência popular, desviando-a da adoração a Iahweh, Deus vivo e verdadeiro que se revelou aos Pais e Mães na fé e tirou o povo da escravidão no Egito. “Iahweh não é um deus criado pelo povo, mas é Ele mesmo, o Criador do povo! Não é uma invenção humana para o rei conseguir o apoio do povo. Pelo contrário! É o rei que deve obedecer a Iahweh...”.¹² As palavras proféticas são a manifestação da experiência mística com Iahweh e, por isso, levam ao discernimento do caminho a ser percorrido para que uma sociedade seja justa e fraterna.
3. *O enfrentamento dos poderosos*. Elias e Eliseu provocam conflitos abertos ao denunciar ações de opressão realizadas pelos reis. Enfrentam também os falsos profetas, ideólogos apoiadores da política palaciana. “A profecia é a Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, é a palavra da pessoa empobrecida num determinado momento político e em oposição ao Estado. Profecia e Estado (profeta e rei) não comem à mesma mesa”.¹³
4. *A partilha como meio garantidor de vida digna*. Elias e Eliseu não denunciam apenas a idolatria e as ações idolátricas dos reis. Apontam soluções. Inseridos no lugar social das vítimas do poder político-econômico-militar-religioso, solidarizam-se

¹² MESTERS, Carlos e WOLFGANG, Gruen. *O profeta Elias – Homem de Deus, homem do povo*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 60.

¹³ TONELLO, Nelson. Op. cit.



radicalmente com suas dores e apontam saídas. O caminho por excelência é a prática da partilha. Consiste, antes de tudo, na socialização dos dons e capacidades em vista do restabelecimento de relações fraternas; consiste na proximidade física, na acolhida e na atenção carinhosa que faz recuperar o ânimo, garantir saúde e vencer a própria morte; consiste em colocar em comum os bens materiais, mesmo que sejam poucos. Essa prática garante as condições necessárias para uma vida digna sem exclusões. Pode-se dizer que a partilha é o princípio-fundamento revelador do amor efetivo e afetivo que restabelece a fidelidade à Aliança sagrada; a partilha é o principal traço que caracteriza o verdadeiro rosto do povo de Deus.

O verbo partilhar passa por dentro da Bíblia como fio vermelho que liga princípios, fatos e pessoas umas às outras e costura a Bíblia página por página e livro por livro, fazendo dela uma Sagrada Escritura. Por isso, a partilha não é apenas uma palavra perdida dentro da Bíblia, mas algo que faz parte do coração da fé em Deus Criador e Libertador e da luta do povo de Deus na busca de vida e liberdade para todos. Sem partilha não haveria povo de Deus.¹⁴

Igreja e profecia

Um olhar panorâmico sobre a atuação dos profetas e profetisas na Bíblia proporciona o delineamento de alguns traços que caracterizam a espiritualidade que deve mover a Igreja nos dias atuais em sua relação com a sociedade.

1. *Uma fidelidade radical: a Aliança sagrada.* A palavra profética condena radicalmente o poder que concentra e oprime, sinal evidente de infidelidade à Aliança de Deus com o seu povo. A evidência transparece nos resultados sociais de marginalização da maioria da população. A fraternidade foi quebrada. A voz profética não pode calar-se enquanto ela não for restabelecida. Mesters e Wolfgang sintetizam de uma maneira feliz esta situação, quando escrevem:

¹⁴ TONELLO, Nelson. *E todos repartiam o pão*. Col. Coluna bíblica, n. 40. São Leopoldo: CEBI, 1995.



Onde aparecem cacos de vidro no chão, você passa, olha e diz: “Alguém quebrou a janela!” Onde aparecem pobres no meio do povo de Deus, o profeta passa, olha e diz: “Alguém quebrou a Aliança!” Alguns se acostumam com os cacos e os ignoram. O profeta faz o contrário. Confronta o povo com os pobres e exige mudança em nome de Deus: “Entre vocês não pode existir pobres” (Dt 15,4).¹⁵

2. *Dois quadros de referência*¹⁶: *experiência de Iahweh e experiência da realidade do povo.* Os profetas e profetisas são pessoas de Deus e, ao mesmo tempo, pessoas do povo. Fazem a experiência de Iahweh e, ao mesmo tempo, sofrem a experiência do pecado no meio do povo. Dentro da experiência de Iahweh são invadidos pelo seu Espírito que os dispõe a realizar sua vontade com todas as consequências. Vários deles são arrebatados, de tal maneira, que não resta alternativa a não ser abandonar-se à missão que lhes é concedida.

Dentro da experiência de pecado no meio da sociedade mergulham para dentro da alma das pessoas sofredoras, assumem sua dor e tornam-se portadores da Palavra que liberta. São consumidos pelo zelo em favor da causa de Iahweh que é a mesma causa do povo oprimido. A sua indignação extravasa em denúncias. O Espírito de Deus os capacita a perceber e a desmascarar as expressões idolátricas.

Frequentemente os profetas passam por crises provenientes de dúvidas, de fraquezas físicas e psicológicas, de sentimentos de inutilidade, de solidão, de cansaço, de desânimo... Entram em crise também por causa dos inúmeros conflitos que a missão provoca e que acarretam, muitas vezes, calúnias, perseguições e ameaças de morte. A relação íntima com Deus, porém, os faz retomar o caminho e levar adiante sua missão. A oração, o silêncio, o deserto e a contemplação dos sinais da presença atuante de Deus na história humana são fontes que reabastecem a fé e dinamizam a ação destas pessoas inteiramente de Deus e inteiramente do povo. Os profetas e profetisas são dons de Deus para a vida do mundo.

¹⁵ MESTERS, Carlos e WOLFGANG, Gruen. Op. cit., p. 64.

¹⁶ MESTERS, Carlos. *Os Profetas e a saúde do povo*. Belo Horizonte: CEBI, 1986, p. 15s.



3. *Três linhas de ação.*¹⁷ A palavra profética apela para a mudança e para a conversão apontando três caminhos inter-relacionados:

3.1 – *O caminho da justiça.* Corresponde ao empenho para que a sociedade seja organizada de acordo com o projeto da Aliança. Os profetas e profetisas denunciam as injustiças e indicam as suas causas: o poder com suas instituições e ideologias que o sustentam. Levantam os princípios orientadores de um novo caminho como, por exemplo, a lei do Ano Sabático e do Ano Jubilar (cf. Lv 25 e Dt 15); o princípio da partilha segundo a necessidade de cada pessoa (cf. Ex 16) e o princípio da organização de base com poder de decisões autônomas, visando o bem de toda a comunidade (cf. Ex 18).

3.2 – *O caminho da solidariedade.* Quando as instituições sociais visam fortalecer o poder central, pouco a pouco, vai disseminando uma cultura individualista que proporciona cegueira e insensibilidade do coração. A palavra profética visa transformar o coração de pedra em coração de carne. Faz ver onde se encontram as vítimas do poder, faz ecoar o seu clamor e exige solidariedade. O resgate da fidelidade à Aliança corresponde à administração dos bens de modo a garantir as condições necessárias para a vida digna sem exclusão. Corresponde à prática cotidiana do que está formulado num dos livros da Lei sagrada: “Em teu meio não pode haver nenhum pobre... Por isso, eu te ordeno: abre a mão em favor do teu irmão, do teu pobre e do teu indigente em tua terra” (Dt 15,4.11).

3.3 – *O caminho da mística.* O poder, em suas dimensões política, econômica e religiosa não só concentra os bens nas mãos de uma elite, mas comete o crime básico de roubar a consciência do povo. Sem consciência crítica, as pessoas podem ser manipuladas segundo os interesses dos grupos dominantes. Sem esta consciência, tornam-se favoráveis as condições que proporcionam divisões entre as pessoas oprimidas, com sentimentos de inferioridade, acomodação e indiferença. E o que é pior: o rosto de Deus vai sendo dis-

¹⁷ Cf. CRB. *A leitura profética da história.* Col. Tua Palavra é vida, n. 3. Rio de Janeiro: CRB/São Paulo: Loyola, 1992, p. 21-25.



torcido de tal maneira, a ponto de ser usado para justificar a discriminação, a miséria, o sofrimento e a exploração.

Justiça, solidariedade e mística formam, na verdade, o tripé necessário para a organização e a sustentação de uma sociedade fraterna. Para isso, elas devem caminhar intimamente entrelaçadas.

*Justiça sem solidariedade e sem mística torna-se mera ação política sem humanidade e não atinge o mais profundo do ser humano. Politiza e endurece a ação. Vence a razão, mas não convence o coração! Solidariedade sem justiça e sem mística torna-se mera filantropia de clubes humanitários a serviço dos sistemas que geram o empobrecimento. Engana a consciência, neutraliza o grito do pobre e impede o surgimento da consciência crítica nos oprimidos. Mística sem justiça e sem solidariedade torna-se piedade alienada, sem fundamento na realidade e sem fundamento na tradição da Bíblia. Ofende a Deus, pois o transformou num ídolo, e engana os pobres, pois os faz submissos à injustiça.*¹⁸

4. *Quatro exigências necessárias.* Uma vez constatada a quebra da Aliança, a palavra profética busca despertar a consciência de todas as pessoas a respeito das exigências a serem retomadas:¹⁹

4.1 – *Da parte dos ricos e poderosos* (reis, príncipes, grandes comerciantes, latifundiários, juízes corruptos, elite sacerdotal, falsos profetas...) exige-se a devolução do que roubaram: bens, poder, consciência, cultura...

4.2 – *Da parte da classe média* exige-se que se posicione contra o sistema de exploração política e econômica e se defina pela defesa dos direitos da pessoa necessitada: trabalhadores da roça e da cidade, desempregados, escravizados, viúvas, órfãos, estrangeiros...

4.3 – *Da parte das pessoas oprimidas:* contando com a presença de Iahweh no meio delas, não se acomodem e nem desanimem. Na dinâmica da Aliança concretizada no Êxodo-Tribalismo – pela união e pela organização a partir

¹⁸ Idem, p. 24.

¹⁹ TONELLO, Nelson. *O Profetismo na Bíblia*, op. cit.



da base –, podem tornar-se protagonistas de caminhos novos de justiça e de liberdade.

4.4 – *Da parte de toda a gente* exigem-se atitudes de conversão e vigilância: a fidelidade a Iahweh se manifesta no compromisso de amor efetivo junto às pessoas em situação de necessidades. Os cultos, orações, jejuns e todas as práticas religiosas só serão agradáveis a Deus se forem expressão da justiça social vivida no cotidiano.

*A denúncia profética parte da convicção de que Deus-Senhor – que libertou Israel do Egito; que fez uma Aliança no Sinai; que acompanhou o povo pelo deserto; que o fez entrar na Terra Prometida – é um Deus justo, que não tolera o sofrimento do pobre, do órfão e da viúva, que criou o ser humano para viver e praticar a justiça. O Senhor é tão justo que chega a perdoar o opressor arrependido.*²⁰

Todo o povo pode contar, da parte de Iahweh, com sua presença atuante e libertadora. Seu amor e sua fidelidade se manifestam ininterruptamente. Sua misericórdia é eterna. Sua compaixão pelas pessoas oprimidas não é mero sentimento.

Concluindo

A palavra profética, na Bíblia e na Igreja, visa devolver ao povo a capacidade de pensar e agir segundo o Projeto de Deus, desvencilhando-se das amarras do poder em sua tríplice dimensão: econômica, política e religiosa (cf. Lc 4,1-13).

*Os profetas nos convidam a não absolutizarmos o provisório. A não nos apegarmos a posições adquiridas, quem sabe 'progressistas' hoje, conservadoras amanhã... Precisamos ser profetas, não de qualquer modo, como se fosse fácil, mas com aquela radicalidade e coerência que caracterizam os profetas do Antigo Testamento, e que devem caracterizar também os do Novo Testamento, os de hoje, discípulos daquele que é o profeta por excelência, o Senhor Jesus. Anunciar, como eles anunciaram o Projeto de Deus, e denunciar, como eles denunciaram...*²¹

²⁰ FARIA, Jacir de Freitas. *Profetas e Profetisas na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 80.

²¹ PEREIRA, Ney Brasil. Op. cit., p. 01.



Há uma certeza que a profecia faz brilhar: Deus está no meio de nós como Aquele que liberta. Ele *vê* a aflição do povo, *ouve* o seu grito, *conhece* os seus sofrimentos e *desce* para resgatar a sua imagem violada no corpo das pessoas excluídas (Ex 3,7-10).

Esta é, sem dúvida, a missão da Igreja “em saída”. Com a convicção que surge da fé na presença viva e atuante de Deus, a Igreja, inserida no mundo, colabora na formação de uma nova consciência com atitudes de justiça, de solidariedade e de fraternidade. É a Palavra de Deus feita carne na mobilização das próprias pessoas oprimidas, protagonistas de uma nova sociedade. Uma coisa é conformar-se na dependência dos sistemas oficiais organizados a partir de cima, bem outra coisa é agir como filhos e filhas de Deus, seguidores do irmão maior, Jesus Cristo.

Jesus não é um ser etéreo que se movimenta a igual distância de todos os grupos, conflitos e exigências da época. Participa e toma posição, e o faz a partir de um “lugar social” bem preciso, tendo em conta os interesses contrapostos, discernindo as necessidades autênticas e, sobretudo, definindo-se diante da questão vital: a instauração de sociedade outra, diferente, de um povo sem dominação... .²²

E-mail do Autor:
loraschi@facasc.edu.br

²² ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 63.